

Os ritos de iniciação na cultura yao e o impacto na pedagogia educativa no Niassa-Moçambique

Daniel António Marcos*

ORCID iD [0000-0002-5529-4128](https://orcid.org/0000-0002-5529-4128)

Resumo (português): A realização deste estudo nos permite perceber os hábitos culturais do povo yao, pós se sugere da necessidade de perceber como esse povo contribui na educação, usando seus hábitos e costumes tradicionais na sociedade, como forma de dar resposta do vazio que se depara na consolidação da aprendizagem da vida actual, onde se pensa que os traços da cultura tradicional vão se apagando gradualmente. A educação tradicional do povo Yao, como vulgarmente é conhecido, ressurgiu através dos ritos de iniciação, sobretudo nas regiões onde se vulgarizou a cultura yao, na província do Niassa, norte de Moçambique. Aqui pretende-se descrever o papel social de ritos de iniciação no povo yao, como processo que passa de geração em geração, desafiado pelos antepassados até aos nossos dias. e analisar o que se faz em torno das suas repercussões em tempos actuais de fluxo cultural e aferir o nível de relacionamento entre a prática dos ritos de iniciação e as instituições de ensino e tentar relacionar com a evolução da educação em alguns períodos da história de educação. Contudo, segundo alguns autores, como visão, os ritos de iniciação no povo yao têm o papel de fortalecer a união social entre os membros da comunidade, difundir entre os seus participantes a consciência de interdependência e despertar o sentimento de pertença. Têm igualmente, o papel de socialização entre os iniciados e a comunidade em geral. Eles criam linhas mestras da moral e traçam regras de conduta social da comunidade. A iniciação no contexto Yao significa conquista da maioridade social. Pela iniciação o indivíduo passa da infância para a vida adulta, passando assim a integrar a parte activa da vida da sua comunidade e gozando de plenos direitos e ainda, o momento mais alto da exaltação da cultura e identidade da comunidade.

Palavras-chave: Educação tradicional, Ritos de iniciação, Cultura, Identidade dos Yaos.

The initiation rites in yao culture and the impact on educational pedagogy in Niassa

Abstract (english): The realization of this study allows us to perceive the cultural habits of the Yao people, after suggesting the need to understand how these people contribute to education, using their traditional habits and customs in society, as a way of responding to the void faced in the consolidation of learning of current life, where it is thought that the traces of traditional culture are gradually erasing. The traditional education of the Yao people, as it is commonly known, resurfaces through the initiation rites, especially in the regions where the Yao culture became popular, in the province of Niassa, northern Mozambique. Here we intend to describe the social role of initiation rites in the yao people, as a process that passes from generation to generation, challenged by the ancestors to the present day. and analyze what is done around its repercussions in current times of cultural flow and assess the level of relationship between the practice of initiation rites and educational institutions and try to relate to the evolution of education in some periods of the history of education . However, according to some authors, as a view, the initiation rites in the Yao people have the role of strengthening the social union among the members of the community, spreading among their participants the awareness of interdependence and awakening the feeling of belonging. They also have the role of socialization between the initiates and the community in general. They create guidelines for morals and outline rules of social conduct for the community. Initiation in the Yao context means achieving social adulthood. Through initiation, the individual passes from childhood to adulthood, thus becoming part of the active part of the life of

* Mestrando em Gestão e Administração Educacional / Universidade Católica de Moçambique – Faculdade de Gestão de Recursos Florestais e Faunísticos/ Cidade de Lichinga, Província do Niassa.

his community and enjoying full rights and also, the highest moment of exaltation of the culture and identity of the community.

Keywords: Traditional education; Initiation rites; Culture; Yaos identity

Unhago ku yao ni chikalelo cha usyomi ku Nyassa

Malowe ga kunandya (ciyao): Wa kutenda ushomyu yi kudjimichiza hutendo ya wando wa yao muyele hi kutendegua wa kumanhilo mpela wele wando kukamuchisua kuzomezua ni kudgigalaga hutendo nyi ndamo dja xikala nyi yitendo kumala panandyi panandyi uzomwe wa kulekala wa wando wa yao ku província djá Nyassa ku mbala je Mozambique aku tukusaka kuilemba chikamuchisyo cha unhago ku yao chili kupita mbumba ni mbumba cha nchimisy cha wando wa kalakala mpaka ajino ndawi jino ku mpela aji masigkugano uwe ganichisya kutichichi chitetengwe ku mbely djá wandu wa kalakala napi nadawi jino we ganichisya chichi chikutendegwa pakuty chicala chi kamala napi ndawi jino wekulandanya ku ndawi já chicala ni xazano ku masyiomu ga lelo kumbaly jine kwa wando wasiomile akuti unhago wa wando wa yao udy kupeleka majiganyo ga kuty uwe tukulele tuna nkwakulupila wane ni kumanhilila kuti ayi yetu, ukwete nombe mbili já kumanhila wa kuumbela we wando osope, ye lelo ilembile matala ga uchimbichimbi mum nchimisy. Unhago ku yao ukulosya kupite kuwanache ku ukulungwa. jele ndawi mualijo jausile ku unhago jaly sawe wane wandu pa musy we kulosya mbyly we upikangane pa musy soni pakulosa ukulo wa ayao we matekegakwe akuaula ku unhago kudja kulijigania ndamo pa wando.

Malowe ga kusomela: Ushomi wa ndamo; Kugiganha kwa kusyomi; Unhago; Ndamo; Ndamo iá yao.

Introdução

Na história de educação, muitas foram as etapas que marcaram educação desde a Antiguidade até ao período Pós-Moderno, a educação é por relevo um espelho de desenvolvimento das sociedades em todos domínios. Partindo deste princípio vimos como os povos vivem dentro das suas tradições. Quais os valores que devem inspirar a educação para que o educando possa tornar o cidadão consciente, autônomo e responsável pela vida social.

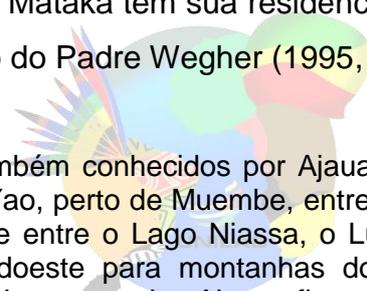
Os ritos de iniciação que vamos referir fazem parte de educação tradicional, onde também se incorporam valores que são atribuídos ao indivíduo para a inserção social de um povo, isto implica o respeito pelas suas possibilidades e pelas suas opções, mas também como forma de organização social, onde se pressupõem certos valores comportamentos e capacidades para se integrar.

No entanto, a educação na sua plenitude, segundo algumas correntes da Antiguidade Clássica, se destinava a humanizar o homem, a ajuda-lo a aprender a ser verdadeiramente homem, educar para felicidade, num exercício pedagógico. A cultura do povo yao é focalizada nos ritos de iniciação, conhecido por *Unyago*, como elemento primário de educação. Este povo se localiza no nordeste da Província do Niassa, norte de Moçambique, África Austral.

1 O povo Yao e sua gênese no Niassa

Para compreendermos o povo Yao temos de fazer uma descrição histórica. Segundo Pascuali (2013), O **WaYao**, ou **Yao**, é um dos principais grupos étnicos e linguísticos no Sul do Lago Niassa, que desempenhou um papel importante na história da África Oriental durante os anos de 1800. Os Yaos são predominantemente um povo que professa a fé do Islamismo, constituído por cerca de 2 milhões, espalhados por três países, Malawi, Moçambique e Tanzânia e são um dos grupos mais pobres do mundo. O povo Yao tem uma forte identidade cultural, que transcende as fronteiras nacionais (PASCUALI, 2013).

Segundo a autora, a tradição que o povo yao possui, tem sua origem no monte Muembe ao norte de Moçambique, na Província do Niassa, precisamente no Distrito de Muembe, mas o grande Régulo Mataka tem sua residência no vizinho Distrito de Mavago, limite com a Tanzânia. Na visão do Padre Wegher (1995, p.67) considera que,



Os Yao também conhecidos por Ajauas são uns grupos étnicos oriundos do monte Yao, perto de Muembe, entre o rio Lugenda e Lucheringo; vivem actualmente entre o Lago Niassa, o Lugenda e o Rovuma, desviando-se para o Sudoeste para montanhas do Shire, onde se mistura com os Anyanjas. Uma parte dos Ajauas fixou-se na Tanzânia e no Malawi, tendo os seus números maiores fixados em Maniamba, Lichinga, Unango, Catur, Mandimba e Marrupa e na Serra do Mitucue nas vizinhanças de Cuamba.

Associando ao Padre Wegher (1995), Pascuali (2013) considera que quando os árabes chegaram na Costa Leste da África começaram a negociar com o povo Yao, principalmente escravos e marfim, em troca de roupas e armas. Devido ao seu envolvimento nesse comércio costeiro tornou-se uma das mais ricas e influentes tribos na África Austral. As grandes monarquias Yao nasceram com os poderosos chefes Yao e tomaram o controlo da província Niassa do Moçambique, no século XIX.

Durante esse tempo, o Yao começou a mover-se para Tanzânia e Malawi, que resultou nas populações Yao presentes nesses países. O resultado mais importante desta aliança com os árabes foi a conversão da nação inteira ao Islamismo por volta das últimas décadas do século XIX e após a Primeira Guerra Mundial. Por causa do seu comércio com os Árabes, os chefes Yao (sultões) precisavam de escribas que pudessem ler e

escrever o arábico. Os professores do Islã, que foram empregados e viviam nas aldeias Yao, tiveram uma influência significativa sobre o povo Yao, porque eles poderiam oferecer-lhes alfabetização, um livro sagrado, roupa e casas quadradas, em vez de redondas. Além disso, os sultões resistiram firmemente à regra colonial portuguesa, britânica e alemã, que era vista como uma ameaça importante para eles.

2 Justificação do trabalho e metodologia

Para abordagem do tema, o pesquisador fez uma apreciação da literatura existente e associando-se do saber adquirido pelas vivências dentro da cultura yao, informando-se das consequências que se avultam na prática de ritos de iniciação como meio de ensinamento dos valores do povo yao.

Por se tratar dos ritos de iniciação, uma prática educativa antiga na cultura do povo Yao, apreciamos em que momento conseguiu manter uma atividade cultural intensa, não só conservando a literatura clássica, mas também inovando sobre a tradição. Portanto com esta apresentação pretende-se perceber até que ponto o povo Yao impõe a sua cultura a outras, através dos ritos de iniciação e compreender porque nos dias de hoje este povo ainda preserva as suas raízes da cultura cingindo-se nos ritos de iniciação.

Um dos objetivos deste estudo é relacionar as competências adquiridas na cadeira de Teorias de Educação no contexto da influência da prática de Ritos de Iniciação como um elo de preservação de cultura e valores do povo yao na educação dos seus educandos, transmitidos de geração em geração nos seus aspectos e verificar em que medida o envolvimento da cultura yao, através dos ritos de iniciação contribui para o bem-estar da pedagogia educativa. Portanto, ver os ritos de iniciação no contexto da educação tradicional, influenciando no povo yao, do Niassa e nas regiões de origem yao os desafios da educação.

Importa referir que o poder tradicional yao é representado por “*Mwenye*”, e um número de líderes reconhecidos por “*Ndunas*”, que são, por sua vez, responsáveis por um determinado grupo de famílias e respondem ao *Mwenye*, MAE¹ (MAE, 2005, p.15).

¹MAE – Ministério de Administração Estatal, onde se faz referência das estruturas de lideranças tradicionais no povo yao.

Portanto ao falarmos de ritos de iniciação no povo yao é indispensável falar de Mataka para elucidar a estrutura e organização do Estado entre os Estados Yao. No caso do Estado de Mataka, o mais conhecido entre os yao e não só entre eles, a sociedade estava bem organizada e o poder do estado centralizado. Wegher (1995), sustenta que o nome Mataka tinha uma origem histórica fantástica e estava diretamente ligado ao primeiro sultão *Mataka*, o *Che Nyambi*, que *Che Nyambia* o querer contrair matrimónio e formar sua família tendo ido numa aldeia vizinha pedir a mão para desposar *Mbumba*, uma moça famosa pela formosura.

Os encarregados de *Mbumba* recusaram o pedido de *Nyambi* por considerá-lo não legível, pois para que um jovem fosse aceite num pedido destes, precisava mostrar à comunidade boa atitude moral e de bom trabalhador, capaz de lutar contra a fome e pelo bem-estar da família - qualidades que não eram completas em *Nyambi*. Insatisfeito com o seu pedido e desejando desposar *Mbumba* a todo custo, *Nyambi* decide desbravar grande extensão de terra para cultivar, trabalhando arduamente, dia após dia, mesmo que para isso se expusesse às condições de sol ardente.

Segundo o autor, desbravado a terra, conseguiu desposar *Mbumba*, em seguida, *Nyambi* se auto declarou *Mataka*, o trabalhador da terra, pois que em *ciyaawo* terra é *litaka*. Assim, conseguiu granjear boa reputação na sua comunidade e, por conseguinte, obteve *Mbumba* como esposa. Uma vez que *Mataka* se tornou Régulo, passou a usar este nome com o qual viriam a ser conhecidos os seus sucessores. Assim nascia a linhagem Mataka.

Aqui se faz uma analogia por um lado com a Educação Clássica grega de Esparta em Atenas onde toda a educação se fechava à toda a manifestação que não tenha como fim a exaltação da polis, da “Cidade-Estado” e torna-se símbolo do autoritarismo, do militarismo, da rígida disciplina, do sacrifício da pessoa à coletividade e da família ao Estado, da autarquia econômica, da austeridade de vida.

Nesta educação clássica grega, segundo Aranha (2013), destaca que os filhos, não dependiam só dos progenitores, mas da cidade-estado, que os educava de tal modo a fazer deles soldados, heróis, para os quais o valor supremo (a areté) era morrer como guerreiros defendendo a polis. Por isso, ainda segundo Aranha (2013), os filhos desde pequenos eram ensinados a contentar-se de pouca comida, a não serem esquisitos, a não temerem a escuridão, a não choramingarem, e ainda por diante, até aos sete anos os

meninos eram submetidos a regimes juvenis de formação, assim como aos 12 anos os rapazes entravam na caserna e ali permaneciam um longo período, até aos 30 anos, ainda que nesse intervalo se casassem.

O educador espartano procurava desenvolver no adolescente o espírito de disciplina, resistência à dor e depois dos 12 anos impunham-lhes um regime de vida severa, dura, para não dizer selvagem e bárbara. Tinha-se, pois, uma moral totalitária e a educação era orientada à formação do carácter, em função de um ideal que não era mais a Areté heroica de Homero ou aquela do trabalho assíduo de Hesíodo, mas aquela do 'Hoplite', do soldado que, submetido a um regime com outros soldados, dava a sua vida para tornar grande a Cidade-Estado.

Já na antiga educação romana se preconizava pelo respeito pela tradição familiar, e em particular pelo respeito pelos progenitores aos quais se deve obediência condescendência; respeito pelos deuses, pelo ritual do culto, pelos anciãos, vida austera, feita de trabalho duro nos campos. Uma similaridade de valores, mas divergentes em contextos geográficos, uns no continente Europeu e Asiático, no renascimento e outro no continente Africano, no povo Bantu onde se insere o povo yao, com sua cultura mais significativa dos ritos de iniciação.



3 Ritos de Iniciação yao com influência dos árabes

Segundo Amide (2008) com a entrada dos árabes automaticamente, entrou um elemento novo e essencial da vida na cultura yao - a religião muçulmana. Na visão de Amide, os árabes converteram em primeiro lugar o regulo Che Mataka, que a partida influenciou a prática de ritos de iniciação de maneira religiosa no povo yao. Amide (2008, p.62, grifos do autor) descreve:

No seio do povo Yao houve desde sempre a prática de ritos de iniciação = *Unhago*. Os Árabes muçulmanos quando entraram no seio deste povo, interpretaram religiosamente a circuncisão, pelo facto de Muhammad ter sido circuncidado e com isso aproveitaram para efectuarem o **baptismo** muçulmano solene. Isto ficou muito marcado neste povo, [...] antigamente, antes da chegada dos Árabes, o Yao fazia os Ritos de Iniciação em *Lupanda* para os rapazes e *Chiputo* para as raparigas.

No ponto de vista do pesquisador, o povo yao é de difícil assimilação de outras culturas, mas sim este povo impõe o seu domínio sobre outras culturas. A título de comparação, é fácil um *makua* ou *nyanja* submeter-se a língua yao, proferindo, mas pelo contrário, maior parte dos yaos se abstém em aprender as línguas dos outros. Com a influência dos árabes, segundo a descrição de Wegher (1995):

Os yaos faziam incursões nos territórios vizinhos, escravizando a população. O Povo *nyanja* sofreu muito com a prepotência dos yao. ... Não queria submeter-se a outros, ... no Niassa, foi a única tribo que, na pessoa do seu chefe *Mataka*, se opôs energicamente a entrada dos portugueses no seu território. ...é um povo orgulhoso da sua raça da sua religião. A expansão que teve o Islão, até no meio dos *Macuas*, é devido à superioridade dos yao sobre as outras tribos e à prerrogativa que sempre tiveram de serem um «povo vigoroso e guerreiro», incutindo medo nos outros (WEGHER, 1995, p.67-68, aspas do autor).

Nesta revelação, faz-nos recordar na Grécia Clássica em que ser sempre melhor, superar os outros, afirmar-se na competição, suscitar admiração num ambiente de homens valiosos, o que era o ideal do areté heróica. Aqui, trazemos a percepção da grandeza dos ritos de iniciação do povo yao que influenciam sobre a sua cultura.

4 Conceituando os ritos de iniciação

Como foi ferido na descrição anterior, segundo Amide (2008), no povo yao houve desde sempre a prática dos ritos de iniciação-*Unhago*. Para compreendermos o estudo em causa, temos algumas indagações sobre os ritos de iniciação no que diz ao seu conceito. Segundo Durkheim (2000, p.20),

...os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito nos prescrevem maneiras de agir e ser na comunidade em observância às regras estabelecidas. Noutros desenvolvimentos, sublinha que os ritos são as cerimónias através das quais o fiel entra pela primeira vez em comunicação com o seu génio protector.

Como refere Durkheim, para que um indivíduo se insere num grupo precisa que o mesmo se identifique com o grupo buscando princípios de convivência social. Já no entendimento de Pereira (1998), os ritos de iniciação são vistos como um conjunto de cerimônias pelo qual se inicia alguém segundo os mistérios de uma dada região. Além da

educação da família e do grupo, os ritos de iniciação têm um papel preponderante na instrução e educação da criança; abordam os aspectos da vida social; os valores culturais, costumes e tradições; uma educação para a vida adulta, mostrada pela instrução a qual o menino ou a menina é submetida.

5 A orientação da prática dos ritos de iniciação no povo Yao

A partir da rigidez que os yaos mostravam em relação às outras culturas é suficiente para perceber de que maneira era feita a preservação do domínio cultural no seu território. Segundo Antunes (2003), a educação dos yaos já estava identificada e fortificada com a presença dos árabes com a introdução do islamismo e de interesses comerciais no passado Século XIX.

No entanto, segundo Pascuali (2013), o yao preservou sua cultura tradicional e agricultura de subsistência por conta própria. Tal como os muçulmanos, os yao não podiam manter-se no modo de vida da população cristã, que no entanto, ofereceu educação cristã e ensinou o idioma português para o grupo étnico muçulmano com pouco retorno. Uma das causas da não adesão à educação é que teriam de viver em internatos, cuja alimentação continha – no dizer do povo yao muçulmano – carnes impuras, ou seja, de animais não ruminantes.

Esta tendência da falta de adesão do povo yao no sistema de ensino tem prevalecido em algumas zonas e se recente até aos dias de hoje. Ainda segundo Antunes (2003, p.32, grifo e negrito do autor).

Entre (1893 – 1967) o Padre Pedro Calandri, o pioneiro da evangelização católica no Niassa, fundador e garante da Missão de Nossa Senhora da Consolata em Massangulo (1928). Era chamado, entre os ayaos, de *Bwana Cilemba*, o que significa homem forte de coração e que aguenta com tudo, e foi muito o que teve que enfrentar para defender a causa missionária no Niassa durante este período.

No ponto de vista da situação, entende-se que o período da evangelização os yao resistiram as outras religiões, e em casos extremos tiveram situações conflituosas na introdução de novos valores culturais diferentes dos habituais. Nesta mesma situação o yao por não aceitar novos valores culturais, Lopes (2016, p.332), na sua obra corrobora:

“Os Mwalimu, para expressar a sua oposição à existência da missão católica no seu ambiente, proibiam as crianças e pessoas em geral a frequentar a escola e o espaço da missão.”

Portanto, segundo Lopes (2016) nem todos obedeciam *Mwalimu*, havia quem frequentasse a escola, e quem tivesse contacto com os missionários por motivos de trabalho, mas que depois tinham que suportar as hostilidades no seio dos seus familiares, até que alguns yaos foram martirizados por seguir outros rumos da cultura.

6 As formalidades e particularidades dos ritos de iniciação no povo yao

O *Djando* e o *Nsondo* são os ritos que são mais praticados na Província do Niassa, estes são característicos nas tribos influenciados pela religião muçulmana. O *Djando* é o rito praticado nos rapazes o qual consiste na operação cirúrgica do prepúcio, removendo-o da glândula do pénis. Ao contrário do *Nsondo* é praticado para às meninas que consiste na preparação da abertura vaginal da menina, introduzindo ovo de pombo no órgão sexual, incitando a menina fazer movimentos como se tivesse introduzido órgão sexual masculino. Assim depois de algumas semanas de preparação algures numa casa da aldeia, a rapariga é reconhecida como ser humano completo. Para Wegher (1995, p.308),

A circuncisão dos rapazes *Unhago* e das raparigas obedecem a três tempos distintos: a cerimónia do *Manawa*, que se realiza por volta dos dez anos; a do *Msondo*, que é uma iniciação de carácter exclusivamente muçulmano, pouco tempo depois da primeira iniciação, e finalmente *Litiwo*, que se verifica quando a mulher esta grávida.

Na cultura yao é praticado *Djando*, nos homens e *Nsondo* nas mulheres os quais recebem o nome de *Unhago* que é a junção dos dois rituais. Em ambos se ensina o valor da vida; o respeito; a sexualidade; temperança; o amor, o namoro e o casamento; a responsabilidade; o valor de trabalho; o valor do sofrimento; a coragem; ser social, amor e amizade; os antepassados e a morte, apesar dos momentos atuais assumir outras realidades.

7 Ritos de Iniciação Masculina – *Djando*²

Os pais e ou encarregados de educação esperam a convocação dos ritos de iniciação em que os seus filhos serão confirmados homens adultos. As idades têm sido de 6 aos 12 anos para a entrada nos ritos, onde terão a instrução que serão incutidos de atitudes que servirão para a sua formação pessoal ao longo da vida. O lugar escolhido para a iniciação tem sido isolamento da comunidade para evitar contato com as pessoas, com exceção das ligadas aos ritos. Ali, os pais com filhos a iniciar constroem palhotas de capim, para acolher os iniciados. Segundo Wegher (1995), citado por Amide (1998, p.68),

...o lugar é constituído por uma palhota comprida do tipo retangular, sem subdivisões, onde são colocados e circuncidados todos os iniciados. Circundam a palhota principal as palhotas dos padrinhos e as dos mestres encarregados de todos os serviços da iniciação. Dentro do recinto é reservada uma área de determinado raio que em seguida é vedada pelo poder mágico contra feiticeiros que queiram se aproveitar do momento para semear o seu terror.

O *Djando* começa quando os pais com filhos de idade para o efeito se reúnem entre si, examinam as condições da presença de iniciados, e no encerramento, cabe ao régulo, convocar os mestres que fazem as cerimônias - os *Ngaliba*³ e *Nakanga*⁴, tornando o processo legítimo. Momentos seguintes, no dia prévio à entrada ao ritual, convive-se entre mestres, meninos à iniciação, familiares convidados e amigos, ao som do batuque, ao redor de uma lareira os iniciados vão cantando e dançando, despedindo aos parentes e amigos. Amide (2008) na sua obra, descreve o seguinte:

...esta é a chamada dança vespertina, que entre os *ayaawoé* conhecida como *Manganje*. Ao amanhecer, anuncia-se que é chegado o dia de entrada aos ritos e, em seguida, os candidatos são levados ao local preparado para o decurso do processo. Mas antes de seguirem, para coroar de êxito o processo, os pais que assim acharem conveniente fazem limpeza e súplicas nos túmulos dos seus entes queridos e em seguida fazem uma cerimônia de chá. Por sua vez, o régulo põe farinha nos iniciados antes de seguirem à sessão de dança de despedida, como forma de desejar sucessos a cada um. Tal como explicaram os mestres da iniciação, depois da sessão de despedida, o padrinho da cerimônia faz o

² Ritos de iniciação masculina

³ Mestre-de-cerimónias para a circuncisão masculina

⁴ Anciãs para iniciação feminina

mesmo com todos os convocados, como forma de desejar boas-vindas à iniciação. Geralmente o processo começa em casa quando os pais do candidato à iniciação o concentram e mostram a importância de participar dos ritos de iniciação. Também lhe antecipam a atitude que deve tomar durante o processo, informando-lhe a consideração que deve ter com os seus mestres e a submissão devida às orientações deles (AMIDE, 2008, p.69).

O corte do prepúcio marca o fim do processo pré-liminar e abre espaço à fase liminar, caracterizada por vários aspectos de preparação para a vida pessoal e comunitária. Cabe os mestres inculcar nos rapazes atitudes, conhecimentos e virtudes que caracterizam o seu meio social. Para esse efeito, eles imitam, recitam, enumeram os códigos, princípios, signos e interpretam a linguagem secreta. Os iniciados ficam numa nudez até prestes a cicatrização da ferida.

Como descreveu Wegher (1995), durante o processo de instrução, toda falha é punida e nada de incorreto é perdoado. Os iniciados são ensinados à resistência, à obediência, à virilidade, à paciência, à submissão e educação, sendo ainda instruídos sobre as tradições, instituições e ritos sagrados da tribo, para melhor assumirem o seu papel na vida adulta. O fim do processo de isolamento do iniciado com a comunidade é ditado principalmente pela cicatrização de todos os circuncidados.

As canções, danças, os mitos, os provérbios e ditados populares são os meios usados para a transmissão dos saberes populares por vezes, para encobrir os choros dos iniciados quando são castigados. É a partir deles que são transmitidos os conselhos, histórias, virtudes da vida, valores morais, princípios éticos e tudo aquilo que se relaciona com o ser e estar na sociedade. Nestes termos, Amide (2008, p.78) descreve,

O que sei, é que no Rito de iniciação, se ensinava que antes de casar deve a pessoa preparar-se moralmente, economicamente no sentido de ter machamba⁵, nem que fosse pequena, ter uma casa e naturalmente todo o mínimo necessário numa casa; preparar ao nível legal da tradição com os tios e pais. E mais ainda, não é suficiente que a menina seja bonita e bem comportada bem como o rapaz, mas também precisa saber-se a que família pertence e qual é a conduta moral daquela família. Nunca o povo yawo admitia que acontecesse um nascimento de filho que não seja num casamento testemunhado e ratificado.

⁵ Horta, campo de produção de hortícolas, de produtos alimentares.

A norma é de que o iniciado depois de sua saída no *djando* tem de seguir as orientações alcançadas do *djando*. Portanto, de regresso ao convívio familiar em algumas famílias o iniciado toma outro nome, uma das orientações no *djando*. Uma das matérias da iniciação é o respeito e consideração. Após o regresso à casa, não devem dormir no mesmo quarto com suas irmãs. Para além de que de princípio não deviam dormir na mesma casa com os seus pais, são orientados para construir as suas cabanas, onde podem receber livremente as suas visitas e amigos. Este é o princípio de autonomia e liberdade.

Os rapazes podem dirigir-se as mesquitas ou varandas das casas dos *mualimos*, designação de professor muçulmano, se for muçulmano, para aprender o alfabeto e leitura do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos.

8 Ritos de Iniciação Feminina – Nsondo

Enquanto a iniciação dos rapazes sucede à noite e num lugar isolado da convivência da comunidade, os ritos de iniciação das meninas sucedem durante o dia numa casa duma avó munida de profundo conhecimento da matéria dos ritos e de longa experiência na área, e por outras mestras em fase de aprendizagem que, embora ajudantes, são de reconhecido talento e exercem o papel ao lado da mestra principal que podem realizar as tarefas em casos de ausências da mestra indicada para o processo dentro da povoação, onde as iniciadas estarão durante uma ou duas semanas antecipando a saída dos rapazes do *Djando*.

O *Nsondo* assim como *Djando* não se diferencia tanto, somente na constituição dos seus agentes e outros aspectos, como o lugar de realização, e pessoas encarregues, como já foi referido, aqui são mulheres de reconhecido mérito que escolhem o período de duração do ritual.

Até a data da iniciação, a única responsável pela educação da menina tem sido a mãe. É a mãe que a ensina a ser na família e na comunidade levando-a à descoberta do mundo da mulher. A idade das iniciadas no se diferem da dos rapazes que variam de 6 a 12 anos. As iniciadas predominantemente são da religião islâmica. Aqui também o objetivo da instrução é dar ensinamentos e conselhos juntamente com a mestra-mãe.

Segundo Amide (1998), nos ritos de iniciação masculina, assim como nos de iniciação feminina, para assinalar a separação dos pais e familiares, no primeiro dia dos ritos, promovem danças. Durante a cerimônia é proibida a frequência de pessoas não autorizadas no recinto, somente os irmãos mais velhos já iniciados e o pai da iniciada, durante o dia, período em que decorre o ritual feminino em casos de ter atividades pontuais no recinto da casa.

A iniciação feminina envolve assuntos relacionados ao bem estar na comunidade, a sexualidade, instruindo a iniciada a conhecer melhor o seu corpo, como se comportar na comunidade enquanto mulher, qual é o seu papel e lugar, o que lhe é ou não permitido fazer na sociedade, como se manifestar diante das circunstâncias de vida como doença e morte, o que lhe espera no futuro na sua qualidade de mulher, entre outras matérias de importância social.

Nas mulheres aconselham como encarar a primeira menstruação, são lhe ensinados os tabus relativos ao período das regras, instrução sexual, deformação sistemática dos pequenos lábios, as danças eróticas, e recebe instruções sobre os assuntos da maternidade quando a menina se casar e congrega os ritos de parto e ritos de primeiro bebé; das restituição do direito das relações sexuais entre os casais outros tabus das mulheres. Golias (1993, p.12), considera

Nem todos os ensinamentos prestados na educação tradicional é consensuais entre os iniciados, mas não têm nada a dizer senão subscrever-se, aceitando, por mais que não esteja de acordo, pois os ensinamentos resultam das práticas mais antigas da mesma comunidade que chegam a cada uma das gerações mercê da importância das fontes orais. Assim, o indivíduo integra os valores culturais do seu grupo e neles se conforma nas suas maneiras de ser e de agir.

Nesta reflexão sobre os ritos de iniciação do povo yao na pedagogia educativa, visam no entanto preservar os hábitos culturais.

9 Impacto da cultura do yao na educação formal

No que tange a educação formal, Amimo (2018), na entrevista cedida pelo Diretor Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano da Província do Niassa, entende que a nível da província teve uma prevalência de 58% de analfabetismo, cujo maior índice

incide nas mulheres, nas zonas rurais (p.10). Na óptica do pesquisador, pela experiência vivida, a fraca escolaridade se origina pelo enraizamento da cultura yao através dos fenômenos de ritos de iniciação e casamentos prematuros, associados ao nomadismo da população no período chuvoso, onde emigram para o cultivo no campo, nas atividades de agricultura familiar.

Pasquali (2013), aponta que o povo yao têm dois momentos mais fortes na formação da pessoa, a escola é considerada o terceiro na hierarquia de seus valores e muito dispensável, atende-se porque o Governo exige. Para a autora, o primeiro momento é a iniciação do adolescente aos ministérios da vida adulta. Toda a formação sexual e a divisão do trabalho entre homens e mulheres são ensinados no tempo que os meninos e as meninas são iniciados.

Na saída da iniciação, há grande festa na aldeia. O segundo momento é a escola alcorão, onde o *Mwalimo*⁶ ensina os fundamentos do livro sagrado, o Alcorão. É a escola mais concorrida quando os meninos saem dos ritos de iniciação, já as meninas ficam mais aos cuidados das mães, preparando-as para futuras esposas e mães. No terceiro e último momento é a escola, o povo yao considera a escola como um acessório dispensável.

A autora entende que quem insiste na frequência à escola tem sido o Governo, a Igreja e as organizações não-governamentais. Nestes prováveis descrições, nos bairros periféricos da cidade de Lichinga e nos distritos limítrofes⁷, praticam sem limites os ritos de iniciação, lesando muitas vezes a educação formal. Em alguns momentos, povo só adere a educação com a intervenção dos Régulos.

Partindo dos pressupostos apresentados no que toca a pedagogia, atualmente, os ritos de iniciação são momentos de grande festa, onde famílias seduzem filhos com idade ainda menores para entrar no *Djando*.

Os ritos em muitos casos entram em choque com o período letivo, prejudicando a vida escolar das crianças. Percebe-se que só neste período a população tem cereais para suportar as despesas. Por isso, a população realiza os ritos no tempo de colheita, período em que as atividades do campo entram em repouso. O *Unhago* é um rito mais popularizado do povo yao, que se traduz em festa, importa referir que as outras festas

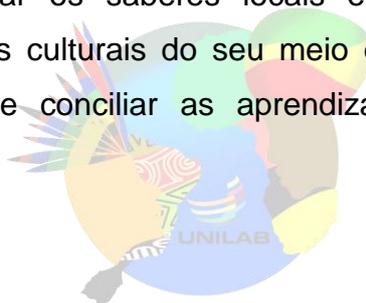
⁶ Designação dada ao professor islâmico

⁷ Sanga, Chimbonila, Ngauma, Muembe, Mavago e zona sul do distrito do Lago (Maniamba), são notórias as abstenções de meninos e meninas em idade escolar em pleno ano lectivo.

celebradas dos yaos têm inclinação religiosa e cerimônias de devoção dos defuntos ou de falecimentos, onde se faz *Sadaka*⁸.

Pela tradição dos yaos muçulmanos, dispensam festas que não tem algo em comum com a religião. Por este princípio pode-se perceber porque os muçulmanos radicais não aderem festejos. Portanto, os ritos de iniciação *Unhago* são interpretados como sagrados e sendo práticas costumeiras dos yaos muçulmanos, que os identifica como sua cultura.

Nesta particularidade da cultura yao, como reflexão, para perceber os fenômenos de desistência de crianças em idade escolar, associado aos ritos de iniciação, precisa empenhos concretos e equilibrados. As diferenças culturais encontradas não devem constituir fracassos, mas oportunidades para novas abordagens do Sistema Educativo Moçambicano, pois não existem culturas perfeitas e nem fracas, todas tem um valor acrescido para uma prática educativa. A partir de um diálogo presente e constante com as comunidades, pode-se conciliar os saberes locais e globais, onde os educadores busquem e refletem os valores culturais do seu meio envolvente, para uma educação transformadora, no sentido de conciliar as aprendizagens educativas, incluindo as vivências culturais.



Conclusão

Na cultura yao, a educação tradicional é assegurada a partir da realização dos ritos de iniciação, onde se ensina valores, atitudes e modos de como ser e agir perante a sociedade no qual a pessoa se insere. Assim como a educação formal assegurado pelo Governo, tem sido crucial para inculcar nas comunidades, conhecimentos básicos e fundamentas para o desenvolvimento humano.

Em relação aos ritos de iniciação na cultura yao, percebe-se que os mesmos identificam nos iniciados a sua cultura, um orgulho de ser um verdadeiro yao. Incute a ideia de pertença à comunidade. Os outros povos se inserem nesta cultura yao para serem iniciados, no sentido de melhor integração com os yaos.

A pedagogia deve ser democrática, onde haja fluxo do diálogo e de consensos para a formação de uma sociedade com um único objetivo, despertar nas crianças a

⁸ *Sadaka*- refeições que se fazem em memória dos defuntos ou no momento de funerais, aqui tem havido maior concentração de pessoas vindas de diferentes pontos da região, no sentido de dar o seu contributo.

capacidade de pensar ao seu redor e fazer juízo do certo e do errado, nos seus valores culturais. A preservação da cultura faz-nos homens reflexivos da vida atual e dos tempos passados.

Hoje ao falarmos da má qualidade de educação, alguns autores referem que foram deixados e desprezados os modos de vida da população. Na devida altura não foi possível conciliar as práticas culturais tradicionais e modernas nas comunidades, o que ao renegar a cultura de um povo, foi-se formando pessoas sem o verdadeiro sentido humano. E por conseguinte foi-se percebendo que alguns povos, o caso dos yaos foram desenvolvendo, ao longo dos tempos, os seus hábitos culturais que de certo modo sentimos que não harmonizam com os modos de ensino e aprendizagem normalizados e adotados pelo Sistema nacional de Educação. O fim ideal de uma instrução é formar pessoas que possam viver num mundo justo, a fim de atingir a plenitude da existência da pessoa humana.

Referências

- 
- Amide, J. B. (2008). *Wayao'we' no conhecido Niassa: os valores culturais e a globalização*. Maputo, Diname.
- Amimo, F. (2018, Agosto 29). *Niassa-vice campeã no índice de desistências escolares em Moçambique*. Jornal Txopela.
- Antunes, D. G. (2003). *A semente caiu em terra boa, os missionários da Consolata em Moçambique, 75 anos de evangelização, ao serviço da igreja local (1925 – 2000)*. Roma, Instituto Missionário da Consolata.
- Aranha, M. L. A. (2013). *História da Educação e da Pedagogia*. 3.ed. São Paulo: Atlas.
- Durkheim, E. (2000). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totémico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- Golias, M. (1993). *Sistemas de ensino em Moçambique: passado e presente*. Maputo: Editora Escolar.
- INDE/MINED. (2003). *Plano curricular do ensino básico*. Maputo: INDE/MINED.
- Lópes, A. (2016). *A política religiosa-missionária do estado novo em Portugal e a evangelização do Niassa: 1926 – 1962*, IMC. Maputo, Plural Editora.

Ministério da Administração Estatal. Perfil do distrito de Ngauma, Província do Niassa. Maputo. MAE/DNAL. Disponível em: <www.govnet.gov.mz/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

Pasquali, D. (2013). Educação indígena e afro descendente: políticas e práticas. *Reflexão & Ação*. 12 (especial): p. 339-349.

Pereira, E. N (1998). *Mitos, feitiços e gente de Moçambique*. Lisboa: Caminhos.

Recebido em: 12/02/2021

Aceito em: 22/04/2021

Para citar este texto (ABNT): Daniel António Marcos Os ritos de iniciação na cultura yao e o impacto na pedagogia educativa no Niassa-Moçambique. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.183-199, jan./jun. 2021.

Para citar este texto (APA): Marcos, Daniel António. (2021, jan./jun.). Os ritos de iniciação na cultura yao e o impacto na pedagogia educativa no Niassa-Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(1): 83-199.

